

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### INDUSTRIA E SCIENCIAS.

#### ENXERTIA.

(Continuado do n.º 19.)

O enxerto é a união, artificial, ou naturalmente produzida, das gemmas de um individuo aos ramos de um outro individuo. Para que essa união possa ter logar são necessarias certas condições que já n'outro artigo deixámos apontadas.

Nos processos que temos descripto é uso escolher sempre olhos não abertos ainda, não foliaceos, e plantal-os em arvore que não esteja no periodo mais activo da sua vegetação. Tschudy porém notou que o tecido celular se unia melhor quando estava novo, consistente, e em desenvolvimento activo; e por isso pensou logo que os enxertos deviam tambem pegar melhor na epoca mais vigorosa da vegetação annual, do que no periodo que vulgarmente se escolhe para a operação da enxertia; visto a união do enxerto á prumagem ser em tudo semelhante á dos bordos de uma cicatriz.

Tschudy divide as arvores em tres classes, e denomina-as *unicaules*, *omnicaules*, e *multicaules*.

São *unicaules* as plantas que tendem a crescer verticalmente, dando ramos lateraes, que se alargam e afastam muito do eixo central, com uma vida secundaria, e não tendendo nunca á verticalidade: um exemplo vulgar desta classe é o pinheiro.

São *omnicaules* as plantas sarmentosas, como a vinha, onde a força vital se acha egualmente distribuida por todas as gemmas, que procuram attingir um gráo egual de desenvolvimento.

Todas as outras arvores, que possuem muitos centros de vitalidade, que se alargam copadas em ramos que procuram a posição vertical, são classificadas por Tschudy nas *multicaules*.

Para cada uma destas divisões o modo de enxertia varia; porque a natureza intima das plantas de cada uma é na verdade diversa da das outras.

Nas *unicaules* a enxertia faz-se com um ramusculo herbáceo, collido quando elle chega aos dois terços

do seu desenvolvimento no cimo de um tronco: ao implantal-o na prumagem deixa-se nesta algumas folhas proximas do logar da operação para chamar alli a seiva ascendente até estar feita a cicatrisação. Este processo applicado á maior parte das coniferas dá um resultado feliz. Pratica-se no outomno, deixando as folhas ao enxerto e á prumagem.

Nas outras plantas o processo da enxertia herbacea deve ser differente, segundo a opinião e a experiencia de Tschudy. Na nogueira, por exemplo, convem escolher para operar a enxertia um ramo bem vigoroso; depois fazer, sem lhe cortar a extremidade, uma incisão obliqua entre dois olhos na axila da quinta folha desse ramo em que se quer implantar o enxerto, e prolongar o golpe uma polegada, ou mais, para baixo da folha: é nesta fenda que se deve metter o enxerto; constará de uma porção de caule herbáceo, de uma folha, e de uma gemma terminal. O logar em que ficar a gemma do enxerto deve corresponder ao que occupava o olho da prumagem: feita a união intima por meio de um fio de lã, o enxerto pegará; a sua folha cahirá murcha, porém a gemma desenvolver-se-ha. É util, no fim de dez dias, supprimir as folhas que ficam por baixo das enxertadas, para que se não espedice com ellas seiva.

Quando as arvores são daquellas que tem folhas oppostas, isto é, folhas collocadas aos pares, uma de cada lado do tronco sobre o mesmo plano, então para praticar a operação da enxertia herbacea, corta-se o ramo em que a pretendemos fazer poucas linhas abaixo do ponto de inserção do par de folhas que precede o ultimo entre-nó; fende-se em seguida o tronco, e é nessa fenda que se introduz o enxerto, que deve ser um ramo de anno: tendo cuidado que os peciolo do par de folhas inferior fiquem na altura correspondente ao da prumagem, mas cruzando-se com elle, como os raios de uma roda.

N'algumas arvores tem provado a experiencia que o enxerto pega melhor quando se põe o botão não na sua posição natural, mas na inversa, voltado para baixo; isto acontece sobre tudo nas plantas gommosas, e tambem na oliveira.

A enxertia das plantas annuaes umas nas outras é extremamente facil. Tschudy, seguindo o processo que indicámos para a nogueira, conseguiu enxertar a co-

ve-flor no broco; o melão no pepino; o tomate na batata. Por este modo obtem-se assim fructos com rapidez; conservando estes o seu sabor e forma ordinaria.

São estas as principaes idéas practicas que existem hoje sobre o enxerto; as idéas theoreticas tem sido muitas, e muito varias.

De todas, as mais conhecidas são ainda hoje as que Thonin apresentou no seu trabalho sobre os enxertos: ha porém um trabalho sobre o mesmo objecto, de um illustre agrouomo italiano, o conde Giorgio Galesio, que merece ser conhecido, ainda que nelle se encontrem algumas idéas inexactas sobre a physiologia vegetal.

Thonin no seu trabalho divide e classifica os enxertos pelo modo porque elles são operados, isto é, classifica-os de um modo inteiramente artificial. O conde Galesio, segundo o estado seivoso das plantas que melhor couvem para o bom exito dos enxertos, divide-os em enxertos de *seiva circulante*, e enxertos de *seiva extravasada*.

Durante a vida activa das plantas, diz Galesio, a seiva tem dois movimentos: um em que sobe e desce sempre encerrada dentro dos vasos, e que se chama o movimento da *seiva circulante*; outro, em que ella, arrebatando as paredes dos tecidos que a contem, se derrama entre o liber e o alburno, e alli se organisa em camadas, que augmentam o diametro da arvore, e que se chama movimento da *seiva extravasada*.

Durante a existencia do primeiro movimento, põem-se, na enxertia, as cascas das duas plantas que se querem unir em contacto pelos seus bordos, a fim de que os vasos dos tecidos, achando-se em correspondencia uns em relação aos outros pelas suas extremidades, se anastemozem, se unam, se continuem. E' claro que para isto deve existir *analogia anatomica* entre as plantas.

No segundo estado, em vez de se interpor entre os bordos da casca da prumagem cortada, a porção de casca destinada ao enxerto e que contem uma gema, introduz-se esta entre a madeira e a casca, e é o liber do enxerto que adhére ao alburno da prumagem. E' claro que para isto deve existir entre as duas plantas que se querem unir *analogia physiologica*.

E' pois claro que todos os enxertos se podem distribuir em duas classes.

O enxerto de *seiva circulante* deve praticar-se na primavera, quando a vitalidade das plantas começa a ser excitada; no inverno não é elle possivel senão quando o clima é temperado, e os frios tão pouco rigorosos que permittem aos vegetaes alguma actividade vital.

O enxerto de *seiva extravasada*, deve pelo contrario operar-se na estação em que a seiva superabunda e sae dos vasos para se derramar entre o liber e o alburno.

O enxerto de *seiva circulante* presta-se ao proces-

so conhecido pelo nome de enxerto de *racha*, e a todas as suas modificações.

O enxerto de seiva extravasada é proprio para o processo conhecido pelos praticos debaixo do nome de *escudo*, e para as suas modificações.

E' este um principio que está de accordo com as idéas mais populares dos cultivadores. Estes reconhecem todos que a primavera é a occasião mais propicia para o enxerto de *racha*, em quanto que o enxerto de *escudo* não é possivel senão na epoca da seiva extravasada, quando a casca se separa da madeira.

Os movimentos da seiva, continua Galesio, dão-se em todas as plantas, e dividem realmente em duas classes todos os enxertos possiveis; mas não se manifestam em todos os vegetaes; na mesma epoca e do mesmo modo. Existe a este respeito differença notavel entre os vegetaes diclineos e os monoclineos.

A *seiva circulante* é a primeira que se manifesta nas plantas monoclineas, á chegada da primavera; só proximo ao verão é que a sua seiva se extravasa, quando já os ramos annuaes tem chegado ao seu completo desenvolvimento; ás vezes porém este phenomeno apparece no começo do outomno.

As plantas diclineas pelo contrario começam a sua vegetação pela *seiva extravasada*, ou melhor ainda pelos dois movimentos simultaneos.

A combinação de todas estas circumstancias é quem deve determinar a escolha da forma do enxerto; conforme ás especies, a epoca do anno, e as outras circumstancia que deixamos apontadas.

Esta exposição das idéas do conde Galesio, ainda que ellas não sejam em todo o ponto exactas, e o resumo das noções practicas que deixamos atraz exposto, necessariamente deve, ao que nos parece, aproveitar aos nossos leitores, que se dedicam á cultura das variedades preciosas. Foi por isso que fizemos deste objecto um artigo especial, onde procurámos ser claros e resumidos, despindo as idéas, quanto possivel, de todo o aparelho scientifico.

João d'Andrade Corvo.

## INSTRUÇÃO PUBLICA.

A base do governo representativo é a instrução e sobre tudo a popular. Sem ella as instituições nem se comprehendem nem se estimam. Cada formula politica vive de uma serie de idéas, que se devem tornar practicas e communs para não haver lucta entre os que obedecem e os que executam. Em quanto o systema se não naturalisar no paiz a que é applicado, e os povos lhe não derem a sancção nacional, a sua existencia será enfezada e triste, o seu desenvolvimento penoso e incompleto. Os costumes legaes não se decretam da noute para a manhã; a affeição publica pelo novo regimen não se inventa n'uma portaria; e a coo-

peração dos subditos indispensavel para a administração progredir não pôde existir ou ser efficaç se elles não amarem o príncipio que devem auxiliar.

E' o ensino quem vulgarisa as idéas, funda os costumes publicos, e interessa os povos no cumprimento da lei. Se a instrucção fôr atraz das instituições ha-de chegar o momento em que ellas parem ou pouco adiantem. Ninguém construe sem materiaes. As reformas verdadeiras são aquellas que estão na experiencia e no convencimento geral antes que a lei as sancione. Quando as conveniencias moraes não são estudadas nem comprehendidas, quando os interesses phisicos sabem só que padecem e não o modo porque podem melhorar-se; quando em fim a intelligencia collectiva depois de longo e doloroso noviciado por falta de direcção scientifica ignora a sua força, a sua acção, e os seus recursos, a idéa nova está em perigo porque apenas tem por base um alicerce fragil. Duravel e grande é só aquillo na esphera moral que vive do amor, do interesse, e da razão geral.

A instrucção não se inventa tambem; não basta mesmo decretal-a, e assignar-lhe uma larga dotação. Duidamos até da efficacia tão gabada do methodo coercitivo. A violencia cria sempre resistencias ou pelo menos repugnancias; e o ensino como todas as cousas humanas para se diffundir depende de duas condições essenciaes: facilidade de tempo e de estudo; utilidade positiva ou premio do que aprende. A devoção litteraria não é regra é excepção rarissima.

Debaide nas povoações ruraes, na parochia serrana ou na aldêa de provincia prégarieis os prodigios do ensino; a resposta seria pelo menos tão logica como a homilia se lá chegasse. A terra não é nada sem o trabalho. No tempo consiste a nossa riqueza; dos braços dos filhos e dos parentes depende a vida da familia — como quereis que o dispensemos horas e annos? O que nos daes em recompensa? Uma habilitação esteril, uma capacidade inactiva, uma promessa vaga e sem realidade? As honras dos cargos eccléticos gratuitos; o salario miseravel da escola rural? Não valem o sacrificio. Todas as vezes que o ensino não abri uma carreira ao que estuda ou na vida publica ou nas profissões e artes industriaes — o ensino passará pelos povos ou ignorado ou aborrecido; ao livro hão-de antepor a enchada — porque o primeiro rouba-lhe tempo e capital sem proveito; e a segunda, se os não faz ditos, ao menos não os deixa morrer mendigos. Não ha ensino possivel sem direito correlativo, sem vantagem pratica.

Já se vê pois, que o estímulo e a esperanza da instrucção reside em uma lei de habilitações para uns, e em cursos praticos de applicação para outros. O estudo é um adiantamento de capital e de tempo; e estes nunca se sacrificam sem a certeza de indemnisação. Em qualquer gráu de ensino não se espere colher fructo antes de ter posto a utilidade diante do trabalho. A razão collectiva não aceita idilios como reali-

dades; o operario e o lavrador não se sustentam de louros. Reconhecem uma ou outra vez o proveito do estudo, porém a sua consciencia diz-lhes que primeiro que tudo *deem viver!* E é a essa lei, a esse dever do homem e da familia que elles sobre tudo obedecem.

A lei de habilitações tão necessaria á boa administração do reino é ainda o meio indirecto mas poderossimo de levar a instrucção ao seio de todas as povoações. Só fundado nesta ampla base constitucional é que o seu desenvolvimento será progressivo e a sua influencia reconhecida. Desde que o lavrador vir pelos seus olhos no campo vizinho o que pôde a cultura aperfeiçoada, o seu interesse e a necessidade obrigar-o hão a aprender. Desde que o homem obscuro mas intelligente obtiver a certeza de que a entrada de todas as carreiras publicas está vedada á ignorancia, e de que o trabalho litterario como o trabalho phisico tem um premio, ha-de recorrer ao estudo e habilitar-se. Sempre que o operario instruido no seu ramo souber que no salario e na consideração levará vantagem — a outro que não estudasse — o operario roubará ao descanso o tempo necessario para reunir ao capital dos seus braços o capital da intelligencia. O argumento unico e convincente que ha a favor da instrucção é o interesse e a necessidade. Assente ella sobre este alicerce duravel, plante-se neste solo fecundo que ha-de resistir a tudo, e prosperar.

Mas a instrucção carece de ser adaptada ás circumstancias peculiares da nossa fórma de governo ua esphera economica. E' preciso distinguir as epochas, e as situações. O marquez de Pombal reformando o ensino foi até onde chegara o seu seculo. Deu ao principio monarchico o apoio da erudicção classica e das sciencias superiores. Dotou o commercio com instrucção apropriada; e ao povo facilitou o caminho de subir até ao gráu academico por um lado, até á consideração commercial pelo outro. E' o mais que o seu tempo lhe permittia legislar. Bastará isto para o nosso?

De certo não. Hoje a publicidade é a condição dos governos livres. A eleição investe em funcções importantes, e confere direitos e poderes da maior importancia. Diante de cada cidadão abriu-se uma esphera nova, immensa, que pôde começar nos cargos mais obscuros e terminar nos empregos mais distinctos. Tem o systema da instrucção preparado o povo para esta existencia activa e energica, para esta influencia immediata nos negocios? A educação constitucional corresponde ás exigencias do principio liberal? Sabe o cidadão avaliar a gravidade dos seus deveres, a extensão dos seus direitos, e a responsabilidade do seu voto e da sua acção? Onde está o ensino constitucional, onde residem as habilitações do eleitor, do funcionario, e do cidadão activo?

Apenas a universidade na faculdade de direito, na habilitação para a sciencia juridica o possui. O ensino politico popular falta completamente, como falta o

ensino professional das artes e officios, da industria e agricultura. Temos lyceus e aulas onde estudar as let-ras gregas e romanas, a oratoria e a poetica de uma civilisação morta, de um imperio extincto; não ha compendios nem mestres que nos eduquem para as obrigações da civilisação viva, para o lavor das artes e industrias que enriquecem o paiz e aperfeiçoam o estado social! Que importam Cicero e Quintiliano ao operario que estampa chitas ou fabrica pannos? Que tem com Varrão e Columella os lavradores do seculo XIX? De que servem os aoristos do verbo grego aos vereadores, aos regedores e aos juizes de paz do go-verno representativo?

E' preciso pois que a instrucção se regule pelas necessidades actuaes e pelas condições economicas do paiz. Vulgarisar o ensino primario nos dois gráus que o completam; fazer do secundario o noviciado do superior; e difficaltar este por meio de habilitações rigorosas, que provem a capacidade, e abonem o merito. A instrucção facilita-se ou contrahe-se segundo as proporções das carreiras para que habilita. Até hoje a nossa tendencia tem sido excessivamente classica; quasi nada pratica. Emendemos este erro; sejamos logicos e estadistas; e não esqueçamos que é não só justo mas politico diminuir o numero das altas habilitações que por falta d'emprego se tornam descontentes e turbulentas, e dilatar a educação do povo pelo ensino constitucional, industrial, e agricola.

A creação de um ministerio especial que comprehenda a direcção da instrucção civil e ecclesiastica, e a tutela da educação, parece-nos de immediata urgencia. E' indispensavel que a mais vigilante sollicitude prezida aos melhoramentos moraes, e ligue com a missão do ensino a missão do sacerdocio. São dois ramos da mesma arvore. O clero instruido torna o altar respeitavel, e honra o paiz; a religião do amor e da caridade foi prégada para exaltar os humildes e repar-tir o pão do espirito. Unir por tanto sob a mesma secretaria o culto e a instrucção é saber enlaçar os progressos com a economia, e fazer que a influencia moral e a auctoridade religiosa dêem a sua sanção ao ensino. Mil vantagens dimanam deste principio fecundo uma vez que a sua applicação seja sincera e activa.

A intervenção municipal na instrucção rural tambem não pôde deixar-se ao puro arbitrio dos concelhos. E' essencial distinguir entre as despezas obrigativas e as facultivas, e consignar a preferencia dos serviços que importa subsidiar como indispensaveis. Se a lei não determinar que depois dos expostos e das fontes os municipios paguem a prestação das escolas; e se estabelecido o preceito não se fixar o modo pratico del-le se cumprir sem evasão ou sofisma, a existencia das escolas ha-de ser miseravel sempre, pela simples razão de que o subsidio municipal ha-de faltar as mais das vezes sob diversos pretextos. E para a disposição da lei ser possivel e justa é ainda preciso que o concelho

pela sua extensão e recursos possua os meios de satisfazer pelo menos aos encargos obrigativos.

Na instrucção publica o regulamentar não é menos importante (se não o é mais) do que o legislativo. As horas do ensino e a sua fórma devem medir-se pela natureza das parochias, genero de industria em que se occupam, e especialidade de trabalhos da maioria dos moradores. A hora das lições e a qualidade do ensino nunca podem ser indifferentes a quem sabe apreciar os obstaculos dos locais e do trato diario dos povos. Ha casaes nas serras, ha aldéas dispersas em um territorio accidentado como o nosso, aonde a escola fixa não pôde penetrar nem manter-se; e o uso de paizes semelhantes auctorisa a nomeação de professores aos giros, que os percorram e fertilizem accomodando as suas lições áquella natureza agreste, e áquella vida aspera e intratavel. Se não se pôde dar a todos a mesma luz, não estamos dispensados por isso de os alumiar ainda que seja frouxamente.

Entre tanto é preciso confessar que alguma coisa se tem adiantado já. O conselho superior de instrucção publica não adormeceu sobre os louros academicos e procura reanimar o fogo quasi apagado do ensino. No meio das vicissitudes politicas e das repugnancias locais; e apezar da debil cooperação que lhe pôde ministrar a administração confusa e informe das localidades, o Conselho applicou-se a regular a instrucção, a colligir os elementos necessarios para a sua completa diffusão, e a organizar o pessoal do ensino tão difficaltoso de obter especialmente nas escolas rurales. Luctando com a insufficiente dotação que a sustenta, com a resistencia indirecta da inercia e do desleixo, e com mil outros inconvenientes palpaveis se conseguiu pouco até agora não recahe sobre elle a censura; não é sua a culpa, mas da falta de meios especiaes, dos apuros do thesouro, e do longo entorpecimento da administração.

Em um documento importantissimo devido á penna distincta de um dos mais sabios e zelosos Lentes da Universidade achamos dados excellentes, e as idéas mais liberaes e praticas ácerca do ensino. Este documento, que é o relatorio apresentado em 28 de outubro de 1845 ao conselho superior, nem disfarça as difficuldades, nem esquece o muito que importa trabalhar para nos aproximarmos das nações cultas neste ramo. D'elle tiraremos as noticias estatisticas que vamos publicar, reservando para outro artigo as observações que as acompanham e a que adhirimos. Trata-se da instrucção primaria.

O numero das escolas publicas do continente sustentadas pelo estado em 1845 ainda não excedia de 1:116. Destas 1:075 são para o sexo masculino, e 41 para o feminino. Em 1058 lecciona-se pelo methodo simultaneo, e em 17 pelo de ensino mutuo, estando já dezaseis em exercicio frequentadas por 2:756 alumnos.

As escolas estão distribuidas na seguinte proporção:

Districtos	Escolas
Aveiro .....	68
Beja .....	43
Braga .....	76
Bragança .....	56
Castello-Branco....	49
Coimbra .....	70
Evora .....	28
Faro .....	29
Guarda .....	92
Leiria .....	41
Lisboa .....	114
Portalegre .....	41
Porto .....	84
Santarem .....	52
Vianna .....	45
Villa-Real .....	69
Vizcu .....	129

1116

Além destas ha mais no Continente 1081 escolas particulares sustentadas em geral pelos alumnos, á excepção de poucas que existem em virtude de legados e de outras subsidiadas pela beneficencia privada. O numero de alumnos que frequentaram as escolas publicas no continente calculava-se em 1845 aproximadamente em 45:500 (sendo 1:641 do sexo feminino), pelo augmento de concurrencia experimentado sobre tudo nos districtos de Beja e Castello-Branco. Este augmento foi devido á intervenção persuasiva dos respectivos governadores civis. As escolas particulares eram frequentadas por 18:776 alumnos de ambos os sexos.

Nas Ilhas ha 73 escolas primarias, contando a creada de novo na Ilha do Corvo. Cinco são de ensino mutuo e sessenta e oito de ensino simultaneo. Tres pertencem ao sexo feminino. Estas aulas estão assim divididas:

Angra .....	30
Funchal .....	14
Horta .....	9
Ponta Delgada ..	20

73

Destas cadeiras insulares 18 são pagas pelos rendimentos das confrarias, e duas conjuntamente pelas confrarias e pelo thesouro; porque nas Ilhas vigora o principio saudavel de applicar á instrucção primaria as sobras das confrarias e das juntas de parochia.

Avaliando a população do reino no continente em 3:412,500 habitantes, segundo as ultimas estatisticas de 1845, e sendo 64:276 o numero dos alumnos na instrucção primaria a proporção dos alumnos com a população é aproximadamente como 1:53. Ha poucos annos ainda, segundo os calculos estrangeiros, era ella como de 1:88, e no anno de 1844 como de

1:53. Feito o calculo em relação á população das provincias acha-se o resultado seguinte:

Tras-os-Montes....	1:43
Beira .....	1:50
Minho .....	1:43
Alem-Tejo .....	1:73
Algarve .....	1:92
Estremadura.....	1:83

Entre tanto se compararmos o numero de alumnos de 7 a 15 annos em idade e circumstancias de frequentarem as escolas ha-de desapparecer a grande desproporção, e ficará reduzida a mais exacto valor. O sexo feminino acha-se ainda muito desfavorecido; e o concelho da Povoia de Varzim, com 3:000 meninas de 5 a 12 annos, apenas 110 possui applicadas á instrucção primaria!

Tras-os-Montes, Beira, e Minho são as provincias onde a instrucção primaria é mais frequentada e onde ha professores melhores. De tudo o que fica notado deduz-se pois que na instrucção primaria estamos ainda inferiores aos Estados-Unidos da America, á Prussia, Baviera, Austria, Lombardia, Hollanda, França, Inglaterra e Suissa; e superiores talvez á Russia e á Polonia se os jornaes estatisticos são exactos.

A despeza total do Estado com o ensino primario orçava em 1845 por 103:043,324. Nas Ilhas não excedia de 5:951,996, sendo parte paga pelas confrarias, ou em dinheiro, ou em generos cereaes. Destes dados resulta que, comparando a despeza com a frequencia das aulas, fica o custo de cada alumno por 2:285, proporção muito superior á dos outros paizes como Austria, França e Hollanda, onde todavia os lucros dos professores são muito maiores.

Eis em resumo os factos officiaes colligidos no excellento relatorio, que temos diante de nós. As considerações que suscitam e os melhoramentos que proovocam exigem mais repousado exame e espaço mais largo do que nos consentia hoje este artigo já bastante longo. Em um dos proximos numeros da EPOCA as apresentaremos, chamando sobre este ramo tão importante a attenção e sollicitude do Governo e do Parlamento.

L. A. Rebello da Silva.

## AURORA BOREAL.

Um dos mais extraordinarios phenomenos que teem lugar na atmosfera terrestre acaba de ser admirado ha pouco por nós. Uma bella *aurora boreal* illuminou o horizonte de Lisboa na noite de 17 de novembro: não foi um phenomeno completo, mas foi o mais bello de que ha noticia nestas nossas regiões meridionaes.

A aurora boreal perfeita observa-se com frequencia nas proximidades dos pólos, poucas horas depois do pôr do sol. Ahi ella é precedida por um nevoeiro es-

branquiçado, de uma fôrma regular, proximamente a de um segmento de circulo, cuja corda é o horizonte: este nevoeiro occupa o norte, mas inclina-se um pouco para o occidente. Pouco depois um traço luminoso, ou muitos traços concentricos separados por linhas obscuras, apparecem limitando o nevoeiro. E' deste arco luminoso que partem por intervallos jactos de luz, ou antes columnas de fogo, que se perdem no espaço. Uma oscilação geral acompanha ordinariamente o desenvolvimento do phenomeno; de modo que parece que uma tempestade sacode as columnas daquelle templo de fogo que se ergue sobre o orisonte. Então largas fendas se abrem de um ao outro extremo do segmento huminoso; relampagos entre-cruzados cortam o meteoro; e uma corôa de fogo se fôrma no zenith, para onde convergem linhas inflama-das. Quando o phenomeno attinge este estado de magnificencia, é o mais sublime spectaculo que os homens podem admirar; não só pela multiplicidade e belleza das figuras que apresenta, mas sobre tudo pelo brilho e colorido da luz de que é formado.

Passado este periodo o phenomeno começa a diminuir, a perder-se e a confundir-se no céu até desaparecer totalmente.

A aurora boreal que nós observámos não se manifestou tão completa como estas que se vêem nas regiões boreaes: com tudo foi notavel a intensidade da luz das columnas que se elevaram sobre o segmento que repousava no orisonte do lado do norte; a oscilação que as agitava dava ao spectaculo uma grande belleza.

As auroras boreaes foram tidas pelos antigos em geral como prognosticos de grandes acontecimentos: Lucano descreve uma nos seguintes versos:

Ignota obscuræ viderunt sidera noctes,  
Ardentemque Polum flammis, cœloque volantes  
Obliquas per inane faces . . . .

(PHARS., liv. I.)

Nos tempos modernos o primeiro sabio que fallou deste meteoro como simples observador, foi Gassendi que nos deixou descripta uma aurora boreal, que foi no seu tempo observada simultaneamente em França, na Syria, em Alepo, isto é, em mais de 700 legoas da terra de este a oeste.

Foi mais tarde que se reconheceu que este phenomeno não era privativo do pólo norte; no pólo sul tambem elle foi observado por varios viajantes. A multiplicidade das observações deu em resultado a multiplicidade das theorias para as explicar; sem que nenhuma, com tudo, das que até hoje tem sido imaginadas possa ser considerada como inteiramente satisfatoria.

Daremos conta aqui das mais importantes.

A primeira explicação que se deu da aurora boreal foi a que adoptaram Lemonier e Muschenbroeck; con-

sistia em suppor que na região media da atmosfera se reuniam vapores cuja mixtura dava em resultado labaredas e detonações. Halley attribuiu o phenomeno a turbilhões magueticos que corriam do norte para o sul.

Mairan suppoz o sol centro de uma immensa atmosfera luminosa de extrema tenuidade, e admittiu que a aurora boreal uão era mais do que uma porção dessa atmosfera que entrava na atmosfera terrestre. Euler refutando esta theoria propõe outra ainda menos razoavel; segundo este illustre naturalista os raios do sol sendo dotados de uma força de impulsão destacam particulas da nossa atmosfera que espalham no espaço, e que se tornam luminosas por reflexão, dando assim origem ás auroras.

N'algum tempo suppoz-se este phenomeno resultado da reflexão dos raios solares nos gellos circumpolares. O abbade Hell escreveu que a aurora era originada pela refração dos raios solares e lunares, e pela sua reflexão em nuvens formadas de particulas de neve.

Foi em 1740 que se notou que este meteoro influencia poderosamente nas agulhas magneticas; então se propoz a explicação electrica fundada nos seguintes factos: 1.º a electricidade no vacuo tem as mesmas apparencias luminosas que na *aurora boreal*; 2.º o ar tornando-se menos denso nas grandes alturas, as descargas electricas nas regiões superiores devem apresentar as mesmas apparencias que nos tubos cheios de ar rarefeito. D'então para cá todos os philosophos que tem tratado das auroras boreaes tem admittido a influencia electrica.

A hypothese mais extravagante é sem nenhuma duvida a que Libes deu no começo deste seculo: este professor attribue a aurora á combinação que tem logar nos pólos pela influencia da electricidade do azote com o oxigenio; formando-se o acido hypo-azotico que dá vapores rutilantes.

Biot, o celebre physico francez, tambem depois da sua viagem em 1817 ás ilhas Shetlaud propoz a seguinte theoria:

Depois de estabelecer que a aurora tem logar dentro na nossa atmosfera, Biot faz notar que ella é, em resumo, composta de verdadeiras nuvens, formadas de elementos tenues e luminosos, que fluctuam nos ares, e tomam a direcção da agulha magnetica.

«Entre as substancias terrosas, diz depois Biot, não conhecemos até hoje senão os metaes cujas particulas sejam susceptiveis de magnetismo; esta propriedade é mesmo particular a alguns metaes só. E' pois verosimil que os elementos que compõem as nuvens são, ao menos em grande parte, compostos de particulas metalicas reduzidas a uma extrema tenuidade; mas disto resulta logo uma outra consequencia. Sabe-se que todos os metaes conhecidos são excellentes conductores do fluido electrico, ora as diversas camadas que compõem a atmosfera estão habitualmente carregadas de quantidades muito desiguaes de electricida-

de... Se pois columnas, compostas em parte de elementos metallicos, se acham suspensas verticalmente na atmosfera, como o são as columnas da aurora boreal, quando fluctuam acima das regiões mais vizinhas do polo. a electricidade das camadas de ar situadas ao cimo e na base das columnas, achará nelas outros tantos conductores mais ou menos perfeitos; e, se a tendencia desta electricidade, para se derramar uniformemente, excede a resistencia que a imperfeição das columnas conductoras lhe offerece, ella correrá ao longo destas columnas illuminando a sua estrada, como nós vemos que acontece em geral, com conductores descontínuos.»

Para explicar o modo porque estas nuvens de natureza metalica se formam nas proximidades dos pólos, e dahi se espalham no resto da atmosfera, e para dar razão dos jactos luminosos que partem da nuvem central; Biot escreveu o seguinte:

»... os paizes septentrionaes tem sido em todos tempos como ainda hoje o são, muito sujeitos a erupções vulcanicas. Muitos dos vulcões vizinhos do pólo

estão em actividade em torno da zona onde se acha o pólo magnetico.»

O auctor analisa depois a natureza das substancias que sahem dos vulcões, e prova que ellas pódem ser levadas a immensas distancias pelo impulso das correntes de ar. E' ao incendio destas nuvens produzido por fortes descargas electricas que Biot attribue os jactos luminosos.

Esta theoria foi tambem refutada como as outras. Becquerel provou que as substancias arremeçadas dos vulcões não são metallicas, mas sim vitrosas e sem conductibilidade.

Seja qual fôr a explicação da aurora boreal, o que é certo é que este meteoro está intimamente ligado com o magnetismo terrestre. Arago notou que a agulha magnetica se desviava da sua posição, logo na manhã dos dias em que apparece alguma aurora boreal em Pariz.

Um maior numero de observações são ainda necessarias para que se possa atinar com a verdadeira causa deste magnifico phenomeno.

*João d' Andrade Corvo.*

## LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



### ARCO DE TRAJANO EM BENAVENTE.

Voram os Romanos que primeiro alevantaram arcos de triumpho aos homens, não só pelas suas acções militares, mas pelas virtudes, ou pelos serviços prestados ao paiz durante a paz.

A primeira fôrma destes monumentos foi simples e rude, como o eram tambem os costumes dos severos republicanos d'então, e consistiam apenas n'um arco sobre o qual se collocavam trophéos, ou a estatua do triumphador; tal era o *Arco Fabianus* de que falla Cicero. Só no tempo do Imperio é que os arcos de triumpho to-

maram um logar distincto entre os monumentos architectonicos.

Poucos arcos anteriores a Trajano eram formados de mais de una arcada; houve porém um erigido em honra de Tiberio, que constava de duas arcadas eguaes; alguns mais se compozeram de tres, uma maior e duas mais pequenas, porém o uso desta especie de arcos de triumpho só se tornou geral nos reinados de Septimio Severo e dos seus successores.

O arco de triumpho que faz objecto da nossa estampa foi alevantado em *Beneventum*, a Trajano, depois da victoria alcançada sobre os Ger-

manos. Construido de marmore de Paros, este arco tem uma só abertura acompanhada de quatro columnas de ordem composita, apoiadas n'um embasamento. A *architrave*, o *frizo*, e a *cornija* são admiravelmente proporcionadas. Nos *entrecolumnios* ha uns quadros em relevo representando actos notaveis da vida do imperador. Nos timpanos do arco estão deitadas umas victorias, tendo nas mãos corôas e estandartes. Por cima da architrave estende-se um frizo que representa um triumpho, o *attico* em fim é ornado nas extremidades das faces maiores de dous baixos-relevos de soberba execução, com uma inscripção no centro.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XVIII.

A maldição.

(Continuado do n.º 22.)

— «Posso; não é o sacerdote, é o peccador que se humilha aqui e te diz» — Não me levanto desto lugar se não perdoas!»

— «Padre! . . .»

— «Aprende de mim, D. Maria. O que te vou revelar a ninguém o disse no mundo. Fui homicida; provei desse veneno, desse deleite do inferno chamado vingança. Cruel e inflexível paguei a injuria com affrontas; a morte com a morte. . . . Amei! E a mulher que eu amava precipitou-m'a o ciume d'outro n'uma sepultura ensanguentada. Esqueci-me de que havia Deus para me vingar; e vinguei-me. Depois . . .» aqui abaixou a voz, e com um terror mysterioso acerescentou.» — depois começou o martyrio. São vinte annos de penitencia, e o sangue vivo não se apaga, vejo-o como na hora em que borbutou das feridas. Não sabes? de noite o remorso vem abrir-me aquella cova; e sabem della as visões do crime a povoar-me de terror todas as vigílias. Que terrivel brado o do sangue atroz do assassino! . . . O coração nunca socega; a vida cança; e a morte treme-se della, a morte faz horror. Sei-o de experiencia eu que tenho envelhecido a pedir perdão a Deus sem elle me valer . . . . Compadeceste-te! Choras?! . . . Abençoada seja a hora em que a misericordia entrou na tua alma . . . .

— «Oh, padre, padre!»

— «Perdoas, esqueces?!»

— «Não! Condemuo.»

Longo e horrendo silencio succedeu a esta decisão, a ultima e irrevogavel. Dando-a Maria Paes sentiu que ia quebrar para sempre com Deus e com os homens. Ouvindo-a o monge conheceu que tudo se acabara; e que insistir mais seria aviltar a dignidade do seu ministerio aos pés do orgulho. Erecto, ameaçador, o frade fulminou-a com os olhos reluzentes de indignação. Com a mão erguida e tremula das comoções interiores parecia que tirava uma espada e que ia ferir.

— «Adeus, pois, mulher implacavel. O clamor do sangue, que derramas hoje, será até ao ultimo dia da tua vida um algoz eterno.»

E sahio sem virar a cabeça. D. Maria assentou-se na cadeira esculpida d'ebano, e permaneceu largo espaço abismada em fundo meditar. De repente a toada de cantico triste e religioso, que partia debaixo, entrou pelo apozento e arrancou-a ás suas rellexões. Applicando o ouvido percebeu distinctamente as orações, que se costumavam rezar no leito d'agonia vestindo o habito da penitencia ao enfermo moribundo.

CAPITULO XIX.

E' tarde!

Ha desenlaçar-se a tragedia. Em breve uma alma violentamente separada do corpo havia de comparecer envolta no sudario de sangue, perante a face do juiz. Na primavera dos annos o mais querido e estima do cavalleiro da corte morria da morte dos grandes criminosos, sem um braço amigo a que se encostasse, nem um peito fiel aonde depositasse o fatal segredo da sua sorte. O irmão, o triste Egas n'outra epoca, tão unido a todas as suas esperanças estava longe e bem alheio de esperar o golpe que o ia ferir.

Foram para elle e para o filho que deixava no berço, os pensamentos do moço alferes. N'uma carta dictada a Fr. Munio para seu irmão o desgraçado Gomes Lourenço dizia poucas palavras. Sabia que dellas nem uma só deixaria de entalhar no coração. Era um amigo aquelle que não faltava.

«Escrevo-te — dizia a carta — sobre a campa d'uma sepultura. Vou morrer da morte dos justificados, ás mãos do inimigo antigo de Salzedas. Martim Paes é o meu assassino. Quando este pergaminho te for entregue, o coração com que te amei estará frio. Pago com a vida o amor criminoso pelo qual te esqueci a ti, ao filho do meu sangue, e ao nome de nosso pai . . . Deus castiga-me com justiça. Depois de tres annos de martyrio vou em fim repousar de tanta dôr. . . . Egas, meu irmão, pelo amor da nossa infancia, pela ternura de nossa mãe que é agora uma santa no céu, quero que vivas . . . O meu filho, o meu Affonso fica sem pai. O desgraçado nunca o teve! Levo este remorso atravessado n'alma. Fica desamparado no mundo, serve-lhe tu de pai. E' o legado que te deixo e que has-

de cumprir. Meu irmão até ao dia em que Deus nos ajuntar no céu.»

O sello cravado em cera com que se fechou a carta foi assentado com mão firme pelo mancebo. Um pergaminho devia ser apresentado aberto a el-rei D. Affonso em Coimbra. Era breve e singello o discurso d'elle,

«Senhor, morro em Santa Olaia assassinado sem tempo para mais do que para orar a Deus pela minha alma. Martim Paes da Ribeira foi o meu verdugo. A' hora da morte recommendo-vos, pelas dores de pai, o filho orphão que deixo. É a ultima mercê que pede o vosso colação, Gomes Lourenço.»

Depois sem querer saber mais nada do mundo desprio a armadura e voltou a alma para o céu. Fr. Munio e o abba de Santa Olaia começaram a rezar por este homem no vigor da saude e na flôr dos annos as orações funebres do officio d'agonia, e elle humilde e constricto ouvia-os em silencio. Os dois padres mais brancos que as pedras que pizavam, tinham os olhos arrazados d'agoa. Só o rosto do mancebo não denotava mudança; tão sosegado e indifferente como se apertasse a lança e soltasse o corcel no rapido embater das batalhas.

«Senhor ponde em mim os olhos. Não retireis do meu coração o vosso espirito.»

«Purificai as minhas mãos do sangue e esta lingua cantará os vossos louvores. Pezai na balança o sacrificio e compadecei-vos da victima que vos chama.»

O canto parou e a voz commovida de Fr. Munio souu logo, dizendo:

—«D. Gomes Lourenço, que foste cavalleiro e rico-homem deixais as vaidades do mundo, e para em tudo despices o homem velho trocáis pela estamanha da humildade o arnez e a espada de cavalleiro?»

—«Sim, padre!»

—«Ajoelhae, irmão!»

Depois d'outra breve pausa, em que se fez a cerimonia da tonsura, a mesma voz tornou a levantar-se:

—«Recebei a veste do esposo.»

«Senhor vêde o meu holocausto, e arredai de mim as tempestades do mundo.»

Cantaram os sacerdotes amortalhando o cavalleiro, e cubrindo das cinzas da penitencia a cabeça aonde se erguia o soberbo elmo de guerra.

D. Maria Paes tinha-se levantado a pouco e pouco. O terror daquella oração esfriava-lhe o coração. Sahiu da sala e desceu dois degraus, porém não teve força para mais. Irresoluto entre o desejo de salvar o mancebo e a sede da vingança ficou dolorosa na immobillidade que depois da ámputação entreva os membros. Lá dentro o orgulho, o remorso, e o odio desenfreavam-se em lucta medonha.

De novo soaram aquellas vozes que a gelavam de pavor. O canto era mais triste acompanhando as palavras que a igreja pronuncia sobre os derradeiros soluços do moribundo.

«Sou chegado ao termo da vida do homem; e vou dormir ao lado de meus avós. Amanhã serei apenas cinza, pó, e nada.»

«Compadeceivos de mim senhor!»

«Peregrino, a terra foi o meu desterro; e chorando, os dias que vivi foram breves e amargozos. Nem chegaram aos de meu pai.»

D. Maria não pôde mais ouvir aquellas rezas que lhe trespassavam a alma.» — «Oh, não — exclamou com ancia — ainda é tempo!» E galgando a longa escadaria dirigiu-se á capella. Chegava já á porta quando outra vez a voz de Fr. Munio a estacou convulsa.

«Senhor, resgatai a alma do vosso servo e enviai os vossos anjos para a receberem no paraíso.»

«Abri as portas do céu ao que chega purificado pelo martyrio. Que o espirito das trevas não prevaleça contra elle.»

Sem poder dizer como, a dama de Lanhoso deu por si no meio da entrada da hermidia. Iam descerrar-se os labios para fallar, e os pés iam mover-se para correr, quando as palavras se converteram n'um grito, e os joelhos vergando lhe faltaram.

Era tarde.

Trouxera-a alli a justiça divina para a castigar com o tremendo espectaculo do seu crime.

No mesmo momento em que transpunha os umbraes viu um homem envolto no sudario dos defuntos deitar a cabeça no cepo — o ferro alçar-se e luzir; o golpe silvar e descer; e cahir destroncado o corpo espadando sangue.

Estava tão perto já que o sangue que espirrou foi-lhe salpicar o rosto e o vestido.

—«E' a obra do teu orgulho. Regozija-te! — bradou Fr. Munio. —» O sangue do assassinado imprimiu-te na fronte o sello do inferno. Vai-te, que bade queimar para sempre os teus dias e os teus affectos. Mulher, olha bem para essa cova — tu a abriste. Pois bem nella enterrou a justiça de Deus a esperança, a ventura, e a salvação da tua vida. Irmã de Caim, em nome do céu que nos vê sê maldita até á consumação dos tempos!»

Ella não respondeu; tinha a falla gellada na garganta. Sem vêr nem ouvir depois da maldição do monge proferida na presença do cadaver e sobre o sangue fresco que lhe maculava o rosto, a orgulhosa dama permaneceu instantes, com os olhos pasmados, os labios entra'bertos, muda, hirta, insensivel, como a imagem do horror. Decorridos poucos minutos correu em redor de si a vista espantada, e pousando-a no cadaver e no atauder levou as mãos ás faces e tapou os olhos. Dahi subindo n'um impeto machinal a escadaria e virando-se para Tello Ervigiz, que a seguia com o cutello ainda na mão, bradou alto que todos ouviram!

—«Tello que me sellem o meu cavallo. Parto já. Os meus homens d'armas na barbacan.»

Quando ehogou ao terreiro já lá estavam D. Nuno e Martim Paes. Cavalgaram sem dizer palavra, e den-

tro em pouco appareceram na coroa do ultimo outeiro. A sineta da hermda dobrando solitaria por finados levou-lhe muito tempo aos ouvidos a voz importuna do crime que acabavam de commetter. O temporal tinha espalhado. A briza ciciava nas arvores e messes. As nuvens rasgando-se, ora toldavam a lua, ora palidas do seu clarão molle esvoaçam nos profundos vãos do firmamento, aonde as estrellas tremulas pareciam aos fugitivos outros tantos olhos reluzentes, que os vigiavam para não escaparem á vingança do sangue que sentiam voar atraz de si.

Deixando-os ir por um pouco voltemos a Santa Olaia, aonde passadas duas horas chegou D. Egas o irmão do infeliz Gomes Lourenço acompanhado do armeiro e de muitos homens d'armas. De caçados os cavallos nem podiam resfolgar; a espuma cubria os freios dourados. Tocaram a buzina, e ninguem assomou ás ameias. Chamaram, e não lhe respondiam. D. Egas foi direitô á barbacan e viu-a deserta, com a levadiça cahida e os portaes abertos. Apeou-se. Seguindo uma toada lugubre enfiou salas e corredores. Cada vez crescia mais o susto que desde Coimbra o não largara.

Chegando ao Castro de Aveilans, D. Egas em vez de se desafogar com a partida de seu irmão para Santa Olaia, sentiu no coração aquella pancada triste, que adivinha ás vezes a muitas legoas de distancia uma grande desgraça impossivel de saber pelos meios ordinarios antes de alguns dias. O aviso do thesoureiro D. Zuleima, e as instancias do robusto armeiro Pero Britador tinham-no sobresaltado com motivo. Fôra preciso não conhecer a indole vingativa e traiçoeira dos de Lanhoso para suppor, que o rapto commettido por Gomes Lourenço deixasse de chamar sobre elle reprezallias promptas e terriveis. Quando das ameias lhe responderam em Avellans que seu irmão partira, a não trazer os cavallos que não se podiam menear, largava as redeas, e acudia ao sitio aonde a sua espada não havia de ser inutil. A noite que alli passou não a dormiu; e apenas rasgava a madrugada metteu o pé no estribo e na companhia do armeiro e dos homens-d'armas atravessou de carreira montes e valles até de longe aperceber o vulto dentado das torres de Santa Olaia recortadas confuzamente no claro-escuro de um baço alvor. As estrellas apagavam-se na branda claridade do amanhecer. Apertou mais o gallope, e em um quarto de hora apciava-se, como se disse, no terceiro deserto do alcaer, e seguindo a toada melancolica do canto religioso chegou á entrada da capella. A porta estava cerrada. Empurrou-a.

— «D. Gomes Lourenço, onde está?» — bradou ainda de fóra.

— «Aqui» redarguiram de dentro.

Pannos de dó cubriam um caixão posto sobre estrado no meio da hermda. Em redor ardiã quatro tochas. O cepo e o pavimento ainda estavam avermelhados de sangue. De joelhos, e um de cada lado Fr. Munio e o abbade oravam pelo defunto. A pergunta

de D. Egas o monge de Cister ergueu-se, foi á eça, levantou o véu, e mostrando o corpo exclamou:

— «Aqui tendes o que resta de Gomes Lourenço!»

— «Oh, meu irmão, irmão da minha alma!» gritou D. Egas chorando em grande brado, e atirando-se a apertar nos braços o cadaver, cujas mãos cubria de beijos e de prantos. Diante da explosão daquelle immensa dôr todos comprimiram até a respiração; e um silencio sepulchral reinou na arruinada quadra.

— «Mas quem foi?...» perguntava o armeiro em tom submisso ao abbade que ficava ao seu lado. — «Quem se atreveu a isto pela morte de Deus!»

— «Ella!... Não sabeis?...»

— «O que?»

— «D. Maria, Martim Paes, e D. Nuno» — retrucava o abbade, a quem o terror dos acontecimentos fataes da noite não deixava atar o fio de uma narração clara e coherente.

— «Ah, cães malditos!» disse Pero Britador rangendo os dentes. — «Veremos se no meu arsenal ha tres sétlas e na minha bêsta uma boa corda retzada para enviar de presente ao inferno essa ninhada de traidores.»

— «E um malaventurado judeu, que desconjuntaram no potro para lhe arrancar até á ultima mealha!»

— «Hum! — atalhou o ferreiro. — Lá por isso!... e sabe-se o que é feito delle? Que nome tinha o perro velho?»

— «Abel... Sansão... nada! Zuleima; chama-se Zacharias Zuleima.»

— «Malhos e fragoas! Raios de Christo!» — berrou o nosso alfageme esquecendo-se do logar e da companhia. — «E' a nata dos ovenças. O meu chupa-fóros reacs; o mais nedio chibato da synagoga. Por São Braz advogado das goellas! Se o odre de maravidis não tem já o gasnate torcido como um frango — quero que me queimem se o não salvar. Palavra de alfageme não volta atraz. Quando Pero Britador disse a um homem, mesmo ao excommungado de um judeu somos amigos — é amigo. Onde está o pagão maldito?»

— «Dizem que na torre de Menagem.»

— «Bom. Vamos até lá vêr como isto é.»

E abordoando-se á immensa acha capaz de derrear o mais possante braço, sem honrar os circumstantes nem ao menos com um volver d'olhos, o illustre armeiro poz-se a procurar com toda a circumspecção a cascada da torre de Menagem, e depois de a achar começou a subir os degraus.

A exclamação, as juras, e a nobre profissão de fé do Vulcano de Coimbra feitas com todo o desafogo, e na mais estrondosa nota da voz taurina, produziram a derivação dos olhos e curiosidade dos espectadores atrahindo-os para a corpulenta figura do honrado Pero. Mas elle achava-se muito preocupado com a noticia do abbade para dar attenção aos signaes nada equivo-

cos de assombro desaprovador com que todos o encaravam. Rodando nos calcanhares partiu como uma flecha a libertar o enganado pharizeu; e rosnando e benzendo-se ia rogando em contra-baixo um milheiro de pragas de rachar d'alto abaixo as abobadas que lhe serviam de tecto.

— « Deixem o armeiro que viu bruxa » murmurou um pagem ao ouvido de um burguez, que se mostrava assaz confuso da falta de decôro de mestre Pero em tão solemne occasião.

— « Aquillo foi sempre assim. O coração é bom e leal, mas a cabeça! . . . » e o Salomão municipal, esguiu como um cipreste, abanava as orelhas de um modo melancolico.

Em quanto passava este epizodio, D. Egas abysmado na sua magoa, enclugava a cada instante as lagrimas que lhe impanavam a vista, em quanto Fr. Munio lhe lia e relia a carta de seu irmão. Depois beijou-a e guardando-a no peito murmurou: — « aqui ficará para sempre. »

Quando se virava para dizer alguma coisa a Fr. Munio viu ao pé de si um homem vestido de esclavina e cego, que sem fallar lhe travou do braço e o apartou do tropel de gente que o cercava.

— « Não sois vós, D. Egas, o irmão desse desgraçado que alli repousa? »

— « Sou. Que me quereis. »

— « Escuta. Quero que te vingues. Martim Paes foge caminho do Porto. Elle corre como quem leva atraz de si o remorso; mas o odio de um Viegas ainda corre mais. Parte já; segue-o pela pista. Não te escape! quanto ao mais fica tranquillo; outro o fará. »

— « Mas quem és tu? . . . »

— « Mancebo, sou um homem que se Deus lhe desse tres dias a luz da vista, em vez de estar aqui chorando, voaria atraz dos matadores sem demora, sem repouso até os alcançar. »

— « Fallas . . . »

— « Como costumado a mandar. D. Egas lembreste da noute de S. João? Quem te disse ha seis annos: — « por aquelles olhos pretos, se eu fosse Deus creava o mundo; se eu fosse rei, perdia a corôa! » O irmão de teu pae, já vês, pôde dizer ao irmão de Gomes Lourenço: — « Egas, o sangue d'elle é a tua herança; corre, voa, ou chegas tarde! — Partes agora? »

— « Já. Mas em tal estado! . . . Como chegastes? . . . »

— « Eu t'o direi depois. E' mais um crime delles. Parte. Foi Martim Paes que me poz assim. Fez-me escravo, cego, e vil. Vingame tu. A cavallo, — parte . . . »

E sem esperar resposta, pelo braço d'um donzel retirou-se para o interior do castello.

D. Egas, palido mas firme, aproximou-se então do morto, e ajoelhando uniu os labios á mão gelada d'elle. Depois ergueu-se. Os olhos enchutos reluziam de

um fulgor vivissimo. As faces eram jaspe, e os beiços brancos cerravam-se com força. — Tomando o punhal de Gomes Lourenço que estava perto da sua armadura, cuspou-o no sangue esparsido, e murmurou:

— « Esta herança entregarei a teu filho. Em quanto o ferro durar e o sangue não se comer, juro perseguir á espada e ao fogo, em rapto e em cilada, por todos os modos leaes ou desleaes a raça maldita de Lanhosa que te matou. Deus ou o inferno que ouçam o meu juramento! »

Fazendo depois um aceno aos seus cavalleiros disse algumas palavras em tom baixo a Fr. Munio e ao abade, deixou-lhes quatro homens d'armas, e sahio da capella. Dahi a instantes souo a gallope despedido dos cavallos. Uma hora passada trepavam as assomadas da serra; e do cume virando-se para o sitio que deixavam, deu-lhes na vista o resplendor de um grande incendio. Era o castello de Santa Orlaia que estava a arder: o moço cavalleiro com um sorriso triste e frio, pondo as mãos nas solhas douradas do arnez, e voltando as redeas — exclamou:

— « Oh, meu tio a vossa vingança começa cedo; a minha ha-de ser lenta, porém mais terrivel! . . . — oh, meu irmão, desgraçado irmão! » E cravando as esporas com impeto desapareceu.

O armeiro entre tanto fôra subindo até á especie de patim que se alargava diante da entrada da torre de Menagem. A porta estava meia cerrada; e mestre Pero pareceu-lhe que ouvia um vozeirão ralhar dentro, e um falsete macio e assautado guinchar de vez em quando como quem se queixava.

— « Temos obra! » — disse lá comsigo o alfageme; e nas pontas dos pés chegou á hobreira, e cozendo-se com ella applicou o ouvido pela fenda para escutar melhor.

— « Por amor de ti cão tihoso, é por amor de ti que cheguei a isto » dizia o vozeirão. « Por te converter, amaldiçoado! . . . Vamos; para cá cem maravidiz ou pello-te como a uma cebolla. Cem maravidiz! Vou atirar esta sacca de lã ás malvas, e não hei-de pedir esmola. Encomendaste a festa; paga aos menestreis. »

— « Não tenho nada. Estou roubado. »

— « Não tens nada!? Esse colar d'ouro e esse anel não são nada? . . . ponha-os para aqui escariote de má morte. Já. »

— « Justiça d'el-rei que me roubam. »

— « Chuta — cegarrega de bruxa zorra! Engole-me já esses guinchos, ou cozo-te a lingua aos pés. Para aqui o colar e o anel. Bom! Agora deixa-te ficar quietinho. Não tujas nem ladres; se não asso-te n'uma camiza de péz. Adeus mealheiro de roubos. Espera. Queres mais Arão, anh? . . . Queres vêr Moyses, anh? Anda, falla, has-de ser judeu, unb, demonio! ? . . . »

Neste ponto a piedosa homilia foi interrompida. O armeiro tinha ido abrindo a porta de vagar, e pre-

senciara a parte activa da scena. A cada pergunta, Fr. Muninho, (o leitor engenhoso de certo adivinhou já que era o nosso barbato) torcia a orelha ao malaventurado D. Zuleima, e um guincho agudo do judeu correspondia ao — anh, enb, e unb do virtuoso ex-almudeiro. A cabeça do ovençal virava-se a cada repeção d'orelhas para o lado magoado, pouco mais ou menos com a graça do cata-vento, girando em correntes de ar encontradas no alto da grimpá. Pero Britador sufficientemente informado do estado da questão pelo insuspeito testemunho dos seus olhos julgou necessario intervir quanto antes. Entrar de choffre; deitar a mão callosa á barba de Fr. Muninho, e abanal-o como ventarolla para uma e outra parte sem proferir palavra foi obra d'um momento para o Golias ferreiro. Depois largou a victima e encostando-se ao cabo da acha poz-se a olhar fito para ella, antes de lhe intimar a sua real vontade. O barbato percebera immediatamente que não tiraria grande partido de resistir, e esperou callado a decisão da sua sorte.

— «O' lé, sô empalma-judeus ponha para cá o collar e o anel aqui do honrado thesoureiro. Vamos; aviar! se não quer que eu lá vá.»

D. Muninho entregou os objectos reclamados.

— «Bóm rapaz! Agora despir esse habito que não é para ratoneiros. Ponha-me essa pelle fóra; se não vai lá o cabo da acha d'armas.»

O barbato obedeceu com a mesma presteza e silencio.

— «D. Zuleima — acrescentou mestre Pero, voltando-se para o maravilhado judeu — deixa de coçar as orelhas. Isso não é nada, homem. Pega-me naquelle flagello, disciplina, ou o que é, e estende ali as cinco pernas delle nas reverendas nadeegas de sua Charidade.»

A esta ordenação sanguinaria Fr. Muninho ergueu o collo, e protestou que não consentiria nunca em ser açoutado pela mão nojenta de um algoz judeu; regalando sobre isso o nosso armeiro com os epithetos de pagão, mouro, herege, e quantos a furia lhe inspirou.

— «Chuta urco inglez; odretosurado; vil empalmador de joias e de bolças! Chuta; ou vai a acha pelo córte. E' levar e agradecer. Não sei porque te não penduro pela lingua duas horas naquelle gancho.»

— «Tripas de judas!» berrou o barbato assustadissimo.

— «D. Zuleima anda desanca-me sua reverencia com amizade. . . . Has-de gramal-as, tem paciencia. Derriçar pelas orelhas do judeu; bisar-lhe as joias, e andar ainda em cima roubando em habitos sagrados. Fóra! . . . Mas que demonio de fumaça é esta? . . . bfre! safe! Alto D. Zuleima, desta vez morremos chamuscados nesta gaiola meu trinca-soldos. Vais-nos fazer as pousadas com o teu compadre Satanaz. Está tudo a arder, bonito! O que eu queria que me dissessem agora, é por onde ha-de sahir o Sr. Pero Britador. Oh, lá! não ha gente nesta excommungada ratoeira?

Estão aqui um christão, um judeu, e um empalmador de crucifixos para sahir. Nada. Simão Ferro! — Lopo-Casco! Graças a Deus que ouviram. Ainda ha passagem pela hermidá, oh?»

— «Ainda, mestre. Mas depressa.»

— «Quem foi a boa alma que fez esta fogueira?»

— «E' o que todos perguntam. Não se sabe.»

— «Vames lá vêr isso.»

E o armeiro encaminhou-se para a porta. D. Muninho já se ia esgueirando surrateiramente. Segundo seu costume o nosso alfageme não gastou palavras inuteis. Levantou um pé, e despediu um tiro com elle a sua Charidade. O largo costado do Barbato deu um som similhante ao berro de bumho que espitou bruta croulhada. D'ahi faltando-lhe o equilibrio o leigo fez uma cortezia profunda aos degraus, beijou-os com os narizes, mediu-os com a cabeça, e rolou até se estabelecer na primeira volta da escala.

— «Alto, patife! . . . como se ia tingando sem dizer á gente: — benza-te Deus.»

Fr. Muninho ouvindo a apostrofe levantou-se. Apalpou a testa; principiavam a empolar-se nella dois formosos gallos. Tenteou o nariz; — pingava sangue. Fez uma rapida vistoria ás costellas, e verificou que não estavam em sallada como receiava. D'ahi sem olhar para traz mostrou ao ferreiro de Coimbra que a patria Braga o dotara de um par dos mais ligeiros calcanhares. O nosso Barbato entendeu que era conveniente tomar o fresco sem demora para evitar algum desgosto com o padre abbade de Cister, a quem de certo Fr. Munio não deixaria de o entregar com as recommendações, que em sua consciencia julgava merecidas pelas altas proezas da noite antecedente, illustradas com o processo summario de sarar o judeu da lepra dos thesouros mundanos.

O caso é, que por mais diligencias que o mosteiro poz em pratica para colher o leigo refractario elle conseguiu esquivar-se á paternal benevolencia dos seus monges, mudando de ares e de terra. Nunca mais houve noticia do devoto figurão. Só passados muitos annos, recolhendo-se mestre Pero da feira da Covilhã, bem vendidas as ascumas e capellos que trouxera, encontrou-se com o sequito dos saídes e besteiros que levavam de romaria á forea municipal um saltador endurecido. O armeiro tinha boa memoria, e nas feições um pouco mudadas do padecente achou a maior parecença com as do velhaco que tambem zurzira em Santa Olaia.

— «Estavas em bom caminho, maroto — gritou elle. Bom sangue não mente.» O ex-leigo tambem o conheceu, e acenando-lhe graciosamente, disse.

— «Boas tardes mestre Pero! Deus vos dê bencedo um alegrão destes lá por casa. Recados aos amigos, e saudades a D. Zuleima.»

Quando o alfageme chegou com o judeu ao terreiro andava tudo em borburinho. Fallavam, praguejavam, e acouselhavam todos e ninguem se entendia.

Mestre Pero fez-se advogado da ordem. Orou, deu, e intimou com tanto zelo que restabeleceu a paz. O fogo não se podia apagar; e os homens-d'armas desistiram da empreza. Montaram a cavallo, e na companhia de Fr. Munio e do abbade afastaram-se do castello.

Pela estrada de Coimbra poucos homens levavam em andas um ataude e respondiam a quem perguntava: — « E' D. Gomes Lourenço, o collição d'el-rei D. Affonso. »

L. A. Rebello da Silva  
(Continua.)

## POESIA.

### À PATRIA

Et quelques châtimens que me garde la tombe  
Si ce peuple est puni, s'il pleure, s'il succombe  
J'oublierai mes revers en apprenant les siens  
Et l'horreur de ses maux finira tous les miens.  
Casimir de Laignes — PARIS.

#### I.

Sobre a altiva Siam endurecida  
O propheta miserrimo carpia;  
E via ao longe a noite enuegrecida  
Que da cidade santa os dias tristes  
De sombras sepulchraes enlutaria.

E os muros torreados,  
Tresdobrada armadura de gigantes,  
Contra quem haqueavam derrotados

Os impetos possantes  
De barbaros soldados,  
Via ao longe prostrarem-se por terra,  
Ao clanglor de trombetas discordantes  
Bradando morte e guerra.

Nova Siam, oh! patria invilecida  
Sobre tuas ruinas folgarei,  
E na lousa mesquinha a par do nome,  
Divinas maldições insculperei.

#### II.

Per servir sempre ó vincitrice ó vinta.  
Filicaja.

Tu que n'África adusta outr'ora alçaste  
Das quinas o pendão  
E que d'Asia ás palmeiras ensinaste  
Teu nome, e teu brazão:  
Que — rainha da terra — desprendeste  
Sobre a terra o teu manto reluzente

Que nas vergineas lymphas o tingiste,  
Esmaltando-o das páreas d'Oriente;  
Que qual gigante immenso  
C'os pés de brouze as c'roas esmagavas,  
E fazias tremar nos solios d'ouro

Os reis que avassallavas;  
Tu por quem suas vagas enrollaudo  
Em nobre melodia,  
O Ganges murmurando

Almos cantos de gloria repetia;  
O' rainha d'então, escrava agora  
Ergue misera a fronte, e humilhada  
Vê teus manchados louros resequidos  
Calhir em pó na terra devastada,  
Ergue misera a fronte, onde brotaram  
As palmas da victoria

Decifra a extrema lettra do teu nome  
Que o mundo a quem abriste as aureas portas  
Vae das folhas riscar da culta historia.

O nobre diadema, que arrancaste  
A' rainha do Adria magestosa  
Que com os rubis das Indias adornaste  
E de Manar co'a per'la valiosa,  
Onde, misera, jaz?

Teu elmo de ouro fino, onde alterosa  
A serpe campeou,  
Teu penacho de guerra, que ondeava  
De louros precursor  
Quem pelo pó dos campos o rejou?

Que foi daquella « Dio » celebrada,  
Da famosa Damão, d'Arzilla forte?  
De Ceuta, a mauritana,  
Da fragrante Ceylão qual foi a sorte?

Dos rotos bastiões de tanto alcaçar  
Não vês ébrias de sangue hostes cerradas  
As inimigas fontes levantando  
Contra muros de crancos e d'ossadas!  
De tuba agonisante á voz sinistra  
As pedras mal conjunctas se prostraram  
E em torno de seus troços mal-poupados  
As heras se enroscaram.

Teu sagrado estandarte se mudou  
Em crepe funeral  
E envolta nelle, ó patria, te rojaste  
Pelos musgos da pedra sepulchral!

E no elmo de Affonso á terra extranha  
Esmolaste — descrida — ajuda impia  
E do Tamisa o lôdo acarretaste  
Na purpura real, que te cobria!  
E as hispanas phalanges orgulhosas  
C'o ferro zombador na signa rôta  
De teus brazões herdados, — apagaram  
As vivas tradições d'Aljubarrota!

## III.

Estende, escrava, um crepe luctuoso  
 Nas arrendadas faces do muimento  
 Onde vaguea o espectro magestoso  
 Do teu rei popular

E com o vago stridor, com o teu lamento  
 Não deixes expandir-se a voz marmorea  
 Que das naves, dos tumulos surgindo  
 As ogivas transpõe, ainda carpindo  
 As funebres canções da tua gloria.

Ouve, escuta, nos trances d'agonia  
 Sob o lôdo em que jazes muribunda  
 O tropejar rouquenho de mil vozes  
 A maldição profunda,

Que das cavadas tumbas onde jazem,  
 Os sangrentos sudarios levantando,  
 Os heroes que por ti sangue verteram  
 Te vão na hora extrema arremeçando.

## IV.

.... Patria ao menos  
 Juulos morramos....  
 Garrett — *Cumbões*.

Mas quem da patria amiga entre os loureiros  
 — Bem que murchos p'ra sempre! — viu no berço  
 O céu de Portugal,

Quem desde os infantis dias primeiros  
 Viu nobres tremolando as santas quinas  
 Do seu pendão real;

Quem sentiu esta brisa perfumada  
 Que aflaga a minha terra,

Quem pizou esta plaga alcatifada  
 Que o patrio Tejo encerra;  
 Oh! quem pôde, impiedoso, ir longe della  
 Ver outro sol brilhar

E em meio de nações, que hontem nasceram  
 Da patria o berço illustre renegar?

Oh! não — não serei eu. — Quando o tridente  
 Da funesta Albion, conquistadora  
 Sobre as nossas cabeças se estender  
 E entre fumantes cinzas vencedora  
 De Erin a infanda lei nos impuzer;  
 E dos sacros annos monumentos  
 No devastado campo o cego arado  
 De prostrados heroes sobre as ossadas

Profano houver passado;  
 Irei entre os escombros divagando  
 Da minha patria qu'rida  
 A extrema vez a aragem respirando,  
 Que a portuguezes peitos dera a vida.

E o lusitano gladio impetuoso  
 Que inimigas phalanges rareava  
 E o sceptro desses reis, que a reis impunha  
 As leis, que lhes dictava;

E uma folha, uma só da c'roa augusta  
 Da portugueza gente,  
 De mussulmano sangue ainda regada,  
 De gloria inda virente;  
 Na campá que encerrar da patria o nome  
 Piedoso deporei,  
 E ás soberbas nações, que nos ultragem  
 Altivo bradarei:  
 Portugal aqui jaz: — é campá estreita  
 P'ra tão crescida gloria;  
 Se o prostrado Titão já não temeis  
 Ao menos respeitae sua memoria,  
 Vós, escravos d'então, agora reis!

*Latino Coelho.*

## THEATRO DE D. MARIA II.

Domingo 19 subiu á scena pela primeira vez o drama original em 6 actos = *Affronta por Affronta* = composto pelo Sr. *A. P. Lopes de Mendonça*.

Estrea esperançosa esta peça recommenda-se sobre tudo pela elegancia e pela animação do estillo. O auctor conhece a nossa lingua bastante para cunhar a idéa na frase com todo relevo e nitidez. A «*Affronta*» é um estudo opulento e correcto, que brilha pela graça, pela força, e por qualidades distinctas de composição e de reflexão. Poucas obras appareceram até hoje no theatro tão bellas neste sentido.

A invenção não é rica; singela e facil estabelece as premissas do problema moral e deduz depois a consequencia com inflexivel logica e profunda penetração do mysterio da existencia. O que é na realidade a acção, em que o nobre se faz popular para seduzir a donzella humilde e em que o peão se finge nobre para ser amado da irmã do fidalgo que o ultrajou, senão a terrivel sentença da escriptura — a pena de reversão do crime — que vem cahir sobre a arvore ou sobre os fructos?

Quanto ao que se chama enredo o drama é apenas um esboceto — mas esboceto com tal firmeza de traço e tanta belleza de côr, que promete mais de um quadro excellente. A fabula é simples e logica; atase e desenlaça sem forçar a verosimilhança ou trahir a verdade moral para escapar a um apuro scenico. Os caracteres estão postos como deviam estar; ficis a si, ao assumpto, e ás diversas situações que formam e resolvem. Cumprem todos o famoso preceito não só de Horacio, mas da razão geral — *sibi constant*.

Affonso o popular e o conde velho de Artamar são typos de grande verdade humana. São dois gigantes, um que glorifica o passado, outro que representa o futuro, e que na sua lucta desde que se encontram só mostram grandeza d'alma, nobreza de sentimentos, generoso reconhecimento do respeito que merece um ao outro. O caracter do conde velho é uma concepção

firme, superior, e original; ella só por si bastava para honrar um poeta.

A epoca é o periodo de agonia, em que a Illiada da conquista do oriente se apaga no abyssmo de crimes e de vicios que fizeram della uma babilonia. Está-se na transição. Ainda se pelega mas só por cubica ou por ambição; festeja-se a partida do nobre que vai á India como se houvesse já voltado triumphante. O escudeiro velho que no drama faz a critica deste abastardeamento, em que degeneram os homens e as cousas, tem razão e falla como historiador. A jornada de Alcamer e a venda de Portugal a Filippe II não se ha-de attribuir a D. Sebastião, mas a D. João III. Foi elle que abriu a cova: — o rei cavalleiro seu neto precipitou-se nella e ao reino por cuidar que Portugal ainda vivia!

O drama é em prosa, em bella prosa portugueza, que se amolda com flexibilidade ao pensamento, que é figurada sem abuso, que é correcta sem fraseologia archaistica, nem devassidão gallica. O auctor se não faz versos, faz prosa que sôa harmoniosa com sentido, com idéas, e com estilo.

Dos actores, o Sr. Theodorico fez excellentemente o papel de conde de Artamar velho. O Sr. Epifanio no IV acto egualmente sobresabiu traduzindo com verdade uma lucta de paixões difficil de exprimir.

O publico acolheu o drama com distincção e applaudiu com verdadeiro enthusiasmo o final do 3.º, e todo o 4.º acto. Este de certo era de mais para provar grande instincto dramático no auctor, se outras scenas o não demonstrassem já. ● Sr. Mendonça recebeu uma corôa merecida; está nas suas mãos obter outras. Filho do seu talento e das suas obras deve ao trabalho e a si unicamente a posição que occupa. O estudo e o tempo hão-de amadurecer nelle as distinctas qualidades que possui, abrindo-lhe uma carreira gloriosa, e affiançando ao paiz um escriptor que o ha-de honrar. Só esta posição ganha com as armas da intelligencia é digna de respeito e de estímulo; as que se improvisam, ou as que a vaidade panica sonha, nada valem e nada duram.

## NOTICIAS.

### FUNDOS PUBLICOS.

Em 29 de Novembro.

#### PRAÇA DE LISBOA.

No dia 25 de Novembro o preço dos fundos foi o seguinte:	
	Compra      Venda
Notas do Banco de Lisboa	1,5930      1,5910
Tres operações	23            25
Inscrições de 5 por cento	47            48
Ditas de 4 por cento	37            40
Papel-mocda	10            13 m. forte

Titulos antigos (azules)	6	8
Escriptos para as alfandegas	88	99
Na 6.ª parte	84	83
Accções do Banco de Portugal	485,000	500,000
Ditas das Lezírias	370,000	380,000
Ditas — Seguro Firmeza	360,000	370,000
Ditas — Fidelidade	22 a 24	por cento pr.
Ditas — Omnibus	70,000	75,000
Ditas — Pescarias	27,000	28,000
Ditas — Vapores do Têjo	19,200	21,000
Ditas — União Commercial	56,000	58,000
Ditas — Fiação e Tecidos	70,000	72,000
Ditas — Valla d'Azambuja	100	por accção.
Obras Publicas	2 ½	3 por cento
Confiança Nacional	395,000	400,000

### CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de	320 a 400
Molle, a bordo	400 a 480
Das Ilhas, a bordo	340 a 380
Cevada do reino, a bordo	180 a 155
Das Ilhas, a bordo	175 a 180
Milho do reino, a bordo	280 a 290
Das Ilhas, a bordo	—
Centeio, a bordo	200 a 220

### CAMBIOS EM LONDRES.

Em 7 de Novembro

	Preços negociados			
Amsterdã . . . . . 3 mezes	12	2	12	2
Idem . . . . . 4 vista	11	19	12	—
Rotterdam . . . . . 3 mezes	12	2	12	2
Antuerpia . . . . . —	25	35	25	90
Hamburgo M. B. . . . . —	13	11	13	11
Pariz . . . . . 3 dias v.	25	45	25	50
Dito . . . . . 3 mezes	25	72	25	77
Viena . . . . . Eff. Fl. 2 mezes	11	15	10	20
Trieste dito . . . . . —	11	15	10	20
Madrid . . . . . 3 mezes	—	47	47	—
Cadiz . . . . . —	48	—	48	—
Liorne . . . . . —	32	10	32	15
Genova . . . . . —	26	10	29	15
Napoles . . . . . —	38	—	39	—
Lisboa . . . . . Metal . . . . . 90 d. d.	—	51	51	—
Porto . . . . . —	—	51	51	—

### FUNDOS EM LONDRES.

Em 16 de Novembro.

#### INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento	86 3 oit.
Consolidados . . . . .	86 3 oit.
Reduzidos de 3 por cento	85

#### ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento	—	—
» 4 por cento B.	23	24
Espanhoes de 5 por cento	11	—
» 3 por cento	23	—
Brazileiros de 5 por cento 1824	72	74
» dito 1829 1839	—	—